

ERGUER  
e DESTRUIR  
PAULO SALES

EDITORA PENALUX  
Guaratinguetá, 2017



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

REVISÃO: Micheline Chahoud

CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Guilherme Peres

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

S163e SALES, Paulo. 1970 –  
Erguer e destruir / Paulo Sales – Penalux: Guaratinguetá, 2017.  
144 p.: 21 cm.  
ISBN: 978-85-5833-161-6  
1. Crônicas I. Título

CDD B869.8

---

Todos os direitos reservados.  
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

## XEQUE-MATE

EM *O SÉTIMO SELO*, Ingmar Bergman constrói uma parábola meio insólita sobre o sentido da vida em contraponto à certeza da extinção. Ao desafiar a morte para uma partida de xadrez, o cavaleiro nórdico recém-chegado da guerra busca encontrar esse sentido obscuro, enquanto tenta adiar o fim iminente. Não é um dos meus filmes preferidos, mas essa parábola atulhada de um determinismo profundamente niilista não deixa de ser interessante. Nossa existência é de certo modo uma partida de xadrez que tem a morte como oponente. Sua duração depende da nossa capacidade de improvisação diante do acaso — que pode se traduzir em doenças, acidentes ou assassinatos. Mas, por mais que tentemos a todo custo derrotar o oponente e fugir das ciladas ocultas em cada casa do tabuleiro, o jogo se encerra invariavelmente com o mesmo resultado.

Nessa partida, o mais difícil é sobreviver às ausências infligidas pelo correr das décadas. Aprendemos a suportar os peões que tombam aos montes, o cavalo abatido em pleno salto ou a torre derrubada ali na esquina. Mas outras lacunas nos ferem com gravidade e nos enfraquecem irremediavelmente. Perdemos nossos

ícones primordiais e vamos à lona em câmera lenta, enquanto o adversário sorri do outro lado –afinal, ele tem todo o tempo do mundo à sua espera (eu mesmo perdi um desses ícones de infância há bem pouco tempo, como já havia perdido outros em anos mais remotos). Percebemos, então, que o tabuleiro está ficando vazio, como uma terra devastada pela cinza das horas.

Mas não nos despedimos apenas de pessoas. Com elas, vão-se embora também as referências de um tempo em que a vida parecia mais simples e idílica, por mais difícil que fosse em realidade. Perdemos a inocência, e com ela as certezas e convicções inabaláveis. É mais ou menos o que disse o espanhol Enrique Vila-Matas no livro *Chet Baker Pensa na Sua Arte*: “Acaso a vida não era melhor quando não tínhamos a menor sombra de dúvida sobre quem éramos? Mas já é difícil que se possa voltar a ser um coração simples, sobretudo quando se conseguiu chegar a saber que o mundo inteiro é denso e estranho, tão estranho que, precisamente, o inalcançável se situa no nosso interior.”

Uma vez, entrevistei o poeta argentino Juan Gelman e ele me disse que uma infância feliz é a pátria mais invulnerável. Um território ao qual podemos voltar sempre que a realidade nos devora. Um reino de Nárnia para além do fundo do armário, onde voltamos a ser onipotentes. Sim, essa pátria permanece, apesar das quedas em sequência que o adversário nos obriga a vivenciar. Mas creio que uma parte dela, seja um muro ou um campanário, acaba se esfacelando com o passar do tempo e se convertendo em um misto de resignação e desespero. É quando descobrimos que o mundo é denso e estranho, como disse Vila-Matas, e somos incapazes de domá-lo.

## ANTES DO FIM

NÃO POR ACASO, o que mais se vê em *Nebraska*, filme de Alexander Payne, são vidas desperdiçadas. Vidas escorrendo numa sala em frente à tevê ou vendo carros passar. Vidas esperando ansiosamente por um nome na sepultura. Daí ser tão comovente a tentativa vã do seu protagonista de imprimir, já nos estertores da própria existência, um esboço de sentido em uma trajetória que até aquele momento foi pouco mais do que um borrão, um quadro em branco. Prestes a sucumbir de vez à senilidade, o velho Woody Grant se agarra a uma propaganda enganosa, um folheto que diz ser ele o ganhador de 1 milhão de dólares. Para receber o prêmio, precisa ir até Lincoln, no Nebraska. Uma distância significativa do lugar onde mora, mas nem por isso capaz de demover um homem determinado. Mais do que ganhar um bom dinheiro, o que impulsiona Woody é legar algo para depois que for embora, em vez de apenas sumir da paisagem.

Há algo do Alvin Straight de *História Real*, o magnífico filme de David Lynch, em Woody Grant. Ambos são velhos turões, que se apegam a uma última cartada oferecida pela vida

para se tornarem pela primeira vez protagonistas da própria história. Lançam-se pelas libertadoras estradas da América na tentativa de concretizar o seu pequeno naco de sonho e fazer um acerto de contas final com a família, antes que chegue o oblívio. Tanto em Alvin quanto em Woody, o senso de urgência, de que é preciso viver enquanto há tempo, chegou tarde demais. E a velhice é território propício à proliferação de frustrações e arrependimentos altamente nocivos.

Transpondo o drama derradeiro de Woody para o nosso dia a dia, chegamos a uma conclusão implacável: não temos qualquer controle sobre o nosso destino, além do fato de que cuidarmos razoavelmente da nossa saúde eleva as nossas probabilidades. Mas são apenas estatísticas, regras cheias de exceções, que não levam em conta a brutal insensibilidade do acaso. Intimamente, projetamos nossa trajetória com princípio, fim e um meio com duração minimamente generosa. Talvez por isso, procuramos –eu pelo menos –não contar com a sorte e tratamos de realizar nossos prosaicos sonhos de felicidade fugaz. Mas é sempre muito menos do que quase todos gostaríamos.

Não sei, algo me diz que não devo contar com o futuro. Ele não é um sujeito muito confiável. Basta lembrar de Tomas e Teresa no final de *A Insustentável Leveza do Ser*, dirigindo plenamente felizes pela estrada, pouco antes do acidente fatal. A morte encontrou os dois justamente quando superaram tudo: o fim abrupto da Primavera de Praga, as dificuldades de uma vida complicada, com amantes em série, do lado dele, e uma insegurança crônica, do dela. Recordo da vez em que chorei

copiosamente enquanto subiam os créditos do filme, numa madrugada solitária em São Paulo, acossado pela sensação de impotência e vazio que nos provocam as mortes no auge.

Lembro também de Tony Judt, intelectual brilhante, tomado pela esclerose lateral amiotrófica aos 60 anos, talvez o melhor momento da sua vida. Em um trecho do autobiográfico *O Chalé da Memória*, ele confessa que a maior frustração causada pela doença terminal é não poder voltar a viajar de trem. “Waterloo nunca mais, paradas no interior nunca mais, solidão nunca mais”. É muito doloroso. De minha parte, pretendo conhecer os países possíveis, cultivar os afetos que me são caros e aproveitar os pequenos tesouros que passam vez ou outra à minha frente. Afinal, um dia também não poderei mais andar de trem.

## ACASALAMENTO

QUANDO NOS EMBRENHAMOS EM UM NOVO LIVRO, estamos de certa maneira nos envolvendo em um ato de sedução –que pode se consumir ou ficar pelo caminho. É como um ritual de acasalamento. Pode ser quase instantâneo, como o sexo entre coelhos, ou um processo lento e particularmente tortuoso, como o que praticam algumas espécies de répteis e insetos. Essa analogia sem pé nem cabeça me veio à mente na noite de ontem, quando enfim a autobiografia de Ingmar Bergman, *Lanterna Mágica*, conseguiu me seduzir. Até isso acontecer, precisei enfrentar mais de quarenta páginas sem me envolver, abstraído ou inventando desculpas para pôr o livro de volta à mesa de cabeceira.

Esse talvez seja o grande prazer da literatura: nos envolver paulatinamente até o momento em que nos deparamos com o delírio silencioso. Ao atingirmos esse estágio, não há mais páginas à nossa frente, mas sim uma tela na qual são projetadas nossas angústias, convicções e idiosincrasias. Ali elas ricocheteiam, ficando mais fortes ou virando pó. No meu caso, algumas seduições foram imediatas. Lembro que aos 15 anos me



deixei levar feito uma moça sonhadora do interior após ler a frase: “Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, o coronel Aureliano Buendía se lembraria do dia em que seu pai o levou para conhecer o gelo”. Quem já leu, vai identificar de imediato o início de *Cem Anos de Solidão*. Há bem menos tempo, ocorreu algo parecido: sentei na cadeira do meu gabinete, abri um livro espesso de capa verde, pego displicentemente na estante, e quase não consegui parar para dormir e trabalhar no outro dia. O livro era *Conversa na Catedral*.

Outras obras demandam tempo e profunda dedicação. Mas, quando então o acasalamento se consuma, dão em troca uma paixão avassaladora. *Grande Sertão: Veredas* é assim. Nele, não lemos um livro, devastamos um universo. Há ainda aquelas que, como mulheres complicadas ou vinhos raros, exigem um mínimo de maturidade para ser apreciadas. Precisei me aproximar dos 30 anos para enfim compreender *O Sol Também se Levanta e Suave é a Noite*. Já outras, mesmo quando ostentam nomes célebres na capa, acabam ficando pelo caminho, como um tipo de amor que não pode dar certo na luz da manhã: incapazes de envolvimento fugaz ou duradouro. Permanecem na estante violados pela metade.

Os romances que alicerçaram a minha formação são uma espécie de obsessão cozida em fogo brando. Eles fazem parte de quem eu sou, do afeto que devoto a esses volumes de papel, muitos deles amarelados e envoltos em poeira e nostalgia. De vez em quando, algo que li em uma revista ou jornal detona o desejo de ler um volume que permanece na estante há muito tempo e nunca ganhou oportunidade. Outros conti-

✉ paulo.sales@bol.com.br

📘 paulo.sales.771